

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana Regina de Oliveira Couto, Alessandra Aparecida Viveiro
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Considerando a importância da inserção da Educação Ambiental na Educação Formal, desde os primeiros anos, desenvolveu-se um trabalho que teve como objetivo elaborar, desenvolver e avaliar um processo formativo de Educação Ambiental crítica com uma turma da Educação Infantil. Foi elaborada uma sequência com quatorze atividades, explorando os temas consumismo e obsolescência. Neste recorte, foram apresentados dados referentes a três episódios. Os resultados dão indícios de que é possível fazer as primeiras aproximações de uma Educação Ambiental com um viés crítico com crianças pequenas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental, educação infantil, consumismo.

OBJETIVO: A pesquisa teve como objetivo elaborar, desenvolver e avaliar um processo formativo de Educação Ambiental crítica com uma turma da Educação Infantil.

MARCO TEÓRICO

Diante da crise ambiental global, não há como negar que ações educativas devem ser realizadas, pensando urgentemente em uma Educação Ambiental que resgate valores e que trate os problemas em suas diferentes dimensões: físicas, econômicas, sociais, políticas, culturais.

No entanto, segundo Foladori (2001), na maior parte das vezes, as práticas de Educação Ambiental enfatizam um caráter mais técnico, privilegiando aspectos físicos e ecológicos em detrimento de questões sociais.

Isso ocorre porque não há uma única visão de Educação Ambiental. É um campo heterogêneo de concepções e práticas. No Brasil, Layrargues e Lima (2014) identificam três macro-tendências de Educação Ambiental: conservacionista, pragmática e crítica.

A macro-tendência conservacionista é expressa por uma visão que pretende proteger e conservar a natureza, a biodiversidade e os biomas. É marcada pela promoção de atividades de ecoturismo e experiências agroecológicas. Valoriza a natureza, levantando a “bandeira verde”. São representações conservadoras da educação e da sociedade porque não questionam a estrutura social vigente em sua totalidade, apenas pleiteiam reformas setoriais (Layrargues & Lima, 2014).

A macro-tendência pragmática é expressa por uma visão de educação para o desenvolvimento sustentável e consumo consciente e há uma preocupação com a produção crescente dos resíduos sólidos, certificações, mecanismos de desenvolvimento limpo e ecoeficiência produtiva. Para Layrargues e Lima

(2014), na vertente pragmática, há uma ausência de reflexão que permite compreender o contexto e a articulação das causas e consequências dos problemas ambientais.

A macrotendência pragmática representa uma derivação evolutiva da macrotendência conservacionista, na medida que é sua adaptação ao novo contexto social, econômico e tecnológico e que têm em comum a omissão dos processos de desigualdade e injustiça social. Ambas são comportamentalistas e individualistas, mas a forma conservacionista é uma versão mais ingênua e enviesada de grupos mais ligados às ciências naturais que entendem q crise ambiental e a Educação Ambiental dessa maneira, ora porque não têm uma reflexão sociológica da questão ambiental, ora porque entendem que politicamente é melhor não misturar ecologia e política, e neste caso, nos referimos aos atores ideologicamente interessados, em evitar uma perspectiva de conflito na abordagem da questão (Layrargues & Lima, 2014, p.32).

A macrotendência crítica se opõe às tendências conservadoras, e tenta contextualizar e politizar o debate ambiental, problematizando as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade. Trabalha conceitos como democracia, cidadania, participação, e compromete-se com a transformação e justiça ambiental. A Educação Ambiental crítica demanda processos dialógicos, participativos, transformadores.

Tendo em vista esses pressupostos, voltamos nosso olhar para a Educação Formal, com foco nas práticas de Educação Ambiental desenvolvidas na Educação Infantil. Em breve levantamento na produção científica brasileira nas áreas de Ensino de Ciências e Educação Ambiental, notamos que as pesquisas no campo da Educação Ambiental na Educação Infantil são bem raras, e raramente abordam uma perspectiva crítica. Desta forma, nos questionamos sobre quais práticas educativas poderiam ser realizadas na Educação Infantil, considerando o desenvolvimento das crianças nessa fase, buscando uma abordagem crítica de EA.

Ao pensar em temas que fossem favoráveis a esse trabalho, surgiu a ideia de abordar a relação entre consumo e consumismo. Isso se deu pelo fato da criança ser o principal alvo do marketing e da propaganda. É a “consumidora-mirim”, que sofre enorme influência de imagens veiculadas na mídia.

Há diferença entre os termos consumo e consumismo. O ato de consumir é uma necessidade, afinal precisamos nos alimentar, nos vestir, nos locomover, nos abrigar, nos comunicar. Consumismo, segundo o dicionário Aurélio, “é o ato de consumir muito, em geral sem necessidade” (Ferreira, 2010).

Esse comportamento consumista molda nossos modos de vida (vestimenta, alimentação, casas, carros, etc.) porque somos julgados, muitas vezes, por nossas posses, pelo que temos e não pelo que somos.

Nas palavras de Penna (1999, p. 216), citado por Gomes (2006, p. 25):

Os efeitos da degradação ambiental não podem ser tratados sem que se combatam suas causas.

O capitalismo moderno deu à luz o consumismo, o qual criou raízes profundas entre as pessoas.

O consumismo tornou-se a principal válvula de escape, o último reduto de autoestima em uma sociedade que está perdendo rapidamente a noção de família, de convivência social, e em cujo seio a violência, o isolamento e o desespero dão sinais de crescimento.

Para Santos (1998, p. 34),

... numa sociedade tornada competitiva pelos valores que erigiu como dogmas, o consumo é verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os shopping centers e os supermercados, aliás, construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados. Daí a sua força e o seu papel perversamente motor na sociedade atual.

Assim, tratar sobre o consumismo, mola propulsora do sistema capitalista, em um projeto de Educação Ambiental crítica voltado a crianças, parece necessário e urgente.

METODOLOGIA

Elaboramos uma sequência didática composta por 14 atividades, abordando consumo consciente e consumismo, conforme segue:

1. Caixa do tesouro
2. Imagens: Você precisa ou quer para viver?
3. Qual seu maior desejo?
4. Análise de duas propagandas infantis
5. Tapete de rótulos
6. Desenho animado: “Lórax: Em busca da Trúfula perdida”
7. Literatura Infantil: “A velhinha que dava nome as coisas”
8. Curta metragem: “A geladeira fujona”
9. Feira de troca de brinquedos
10. Conhecendo os objetos antigos
11. Brincadeiras cooperativas: passa bambolê e trabalho de formiguinha
12. Jogo de percurso (consumismo X consumo consciente)
13. Música: “Não custa nada”
14. Desenho do que mais gostou de aprender na sequência.

Buscamos utilizar, no planejamento da sequência, materiais que possibilitassem trabalhar linguagens próprias da Educação Infantil, tais como literatura, arte plástica, desenho animado, jogos e brincadeiras, entre outros.

As atividades foram planejadas de forma que as crianças interagissem com a professor/pesquisadora e com seus pares em discussões na grande roda ou em pequenos grupos, por meio de desafios, problematizações e situações concretas. Todas buscaram contemplar aspectos considerados por nós como necessários para uma perspectiva crítica de Educação Ambiental: solidariedade, cooperação e coletividade.

A sequência foi aplicada pela professor/pesquisadora em uma sala de um Centro de Educação Infantil do Município de Campinas, Estado de São Paulo, Brasil, com 27 crianças entre 3 a 6 anos. As práticas foram registradas por meio de gravações em vídeo e diário de campo.

Neste artigo, selecionamos os episódios 3, 7 e 9 para relato e análise. Entendemos que esses episódios refletem aspectos sobre diferentes momentos da sequência: um primeiro que constitui uma etapa de um diagnóstico e primeiras aproximações com o tema (3), uma ação durante o processo com forte mediação da professora/pesquisadora (7) e, por fim, uma atividade em que as crianças foram estimuladas a agirem em uma lógica menos consumista (9).

Os resultados estão brevemente apresentados na próxima Seção.

RESULTADOS

No Quadro 1, apresentamos uma síntese dos três episódios selecionados para análise, incluindo a proposta e o objetivo de cada atividade.

Quadro 1.
Síntese dos episódios

	<i>EPISÓDIO</i>	<i>OBJETIVO</i>	<i>ASPECTO EXPLORADO</i>
1	Qual é seu maior sonho? Representação através de desenhos	Identificar os sonhos das crianças a fim de verificar se estão ou não vinculados a objetos de consumo.	Valores trazidos pelas crianças.
2	Leitura de livro de literatura: “A velhinha que dava nome as coisas” (Rylant, 2012).	Refletir junto às crianças sobre valores como amizade, solidão, medo, obsolescência enquanto estratégia capitalista.	Problematização sobre consumo, consumismo e obsolescência.
3	Feira de troca de brinquedos	Possibilitar que a criança reflita sobre a importância da troca de brinquedos com o uma atitude possível e sustentável para com o ambiente.	Reflexão sobre os processos desenvolvidos.

No primeiro episódio, durante uma roda de conversa, as crianças foram convidadas a desenharem seus maiores sonhos.

A maioria desenhou brinquedos. Várias meninas escolheram uma boneca que imita um bebê de verdade (come, mama, fala, faz xixi e fala mais de 25 frases). A maior parte dos meninos escolheu carrinhos e heróis da Marwel como Hulk, Homem de Ferro e Homem Aranha.

O Shopping Center também foi lembrado com entusiasmo como um local de lazer e compras e também como um local vinculado à alimentação Fast Food.

Somente três crianças apresentaram respostas não relacionadas à aquisição de um bem material: ver o arco íris, passear de barco e plantar árvores frutíferas.

Estudos culturais nos mostram que as crianças estão cada vez mais expostas aos meios midiáticos, que acabam interferindo no comportamento infantil, incentivando as crianças ao consumo. Segundo Kellner e Share (2008), a mídia pode ser considerada uma das principais transmissoras de cultura e conceitos, por isso sugerem que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens transmitidas.

Nesse processo de leitura e compreensão do mundo o papel do educador como mediador e problematizador é fundamental, como nos assinala Vigotski (2007).

No segundo episódio, utilizamos como recurso a Literatura infantil. A literatura é de extrema importância no processo de formação da criança leitora, pois ao ouvir histórias ela desenvolve sua imaginação, aprende conceitos, estabelece relações particulares e sociais, trabalha seus medos e ansiedade, vibra com as descobertas e se coloca com a mente aberta para vislumbrar o mundo.

Na história, uma idosa perde seus amigos e desenvolve amizade com seus pertences (casa, poltrona, carro) que são tão duráveis que recebem nome. A única coisa que não recebe nome é seu portão que já está enferrujado. Nesta trama tão solitária, aparece um cão que mudará para sempre o rumo desta história.

Após a leitura, conversamos em pequenos grupos, sobre a história. A partir delas, as crianças foram convidadas a elencar objetos que normalmente as pessoas têm em casa e que “estragam” facilmente. As crianças apontaram, inicialmente, celulares, tablets, televisões, refrigeradores. Depois, lembraram de brinquedos, como carrinhos de controle remoto e bonecas.

A partir dessa lista, em uma roda de conversa, inserimos os conceitos de obsolescência programada e perceptível, e questionamos sobre a durabilidade dos materiais e a ditadura da moda. Para tanto, buscamos responder às seguintes indagações: Por que as coisas quebram tão facilmente? Por que muitas vezes não compensa arrumar? Por que temos que ter as mesmas coisas e nos vestir do mesmo modo se somos diferentes?

Bauman (2007, p. 20) assegura que a principal característica da sociedade do consumismo é a “transformação dos consumidores em mercadorias”. Em outras palavras, as pessoas são transformadas em mercadorias para “serem aceitas” como uma mercadoria em determinado meio (amigos, trabalho,

escola, dentre outros) e, desta forma, consomem produtos que muitas vezes não precisariam, somente para se enquadrarem em determinado “padrão” (de beleza ou de poder aquisitivo, por exemplo).

Já no terceiro episódio as crianças foram convidadas a aplicar a partilha, em outra lógica que não a consumista, realizando uma troca e brinquedos que estavam em boas condições. As crianças reagiram muito bem neste momento de troca. Foi o momento de exercitar o desapego, a renúncia, de desafiar, de estabelecer diálogos, fazer novas escolhas e argumentar. Os responsáveis pelas crianças colaboraram com essa atividade. As crianças trouxeram tantos brinquedos que, após a troca, os excedentes foram destinados ao material de uso coletivo em sala de aula.

Em linhas gerais, durante esse processo formativo, observamos que as crianças levantaram hipóteses, argumentaram e, com o auxílio da pesquisadora/professora, fizeram relações que revelam indícios da percepção da influência do consumismo em nossas vidas e das consequências para o ambiente.

Neste percurso, é nítido como a linguagem utilizada pelas crianças gradativamente foi ganhando uma conotação mais conceitual e refletida.

CONCLUSÕES

A criança é cidadã, produz conhecimento, cultura e, como tal, tem direito a vez e voz, o que foi possibilitado através da dialogicidade desencadeada pela sequência didática.

Entendemos que a sequência didática potencializa a relação ensino e aprendizagem, à medida que, ao planejarmos as atividades, temos que pensar no que as crianças já sabem, o que querem e o que precisam aprender e em como aprender. As atividades foram elaboradas levando-se em consideração a criança em sua totalidade: aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais.

Pensar em atividades que contemplem a Educação Ambiental crítica com crianças da Educação Infantil se constitui numa tarefa complexa porque não basta trabalhar os conceitos, temos, pois, que pensar em estratégias e recursos adequados, nas diferentes linguagens que dialogam com as crianças no sentido de exploração sensorial, problematização a partir de vivências cotidianas, brincadeiras, interações e resolução de problemas.

A pesquisa apresentou dados positivos, demonstrando que é possível iniciar um trabalho de Educação Ambiental crítica já na Educação Infantil, realizando as primeiras aproximações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. (2008) *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERREIRA, A. B. DE H. (2010) *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo.
- GOMES, D. V. (2006) Educação para o Consumo Ético e Sustentável. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 16, 18-31.
- KELLNER, D. & SHARE, J. (2008) Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, 29(104), 687-715.
- LAYRARGUES, P. P. & LIMA, G. F. C. (2014) As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. *Ambiente & Sociedade*, 17(1), 23-40.
- RYLANT, C. (2012) *A velhinha que dava nome às coisas*. São Paulo: Brinque- Book.
- SANTOS, M. (1998) *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel.

